

# A saga militar judaica do Brasil cinco séculos de história

Israel Blajberg\*

Os hebreus bíblicos foram valentes soldados, e essa tradição se manteve pelos séculos afora, mesmo durante a Diáspora, diferente do falso perfil imputado pelos antissemitas. Ao sair do Egito, Moisés transformou o Povo de Israel em uma nação de soldados, para conquistar a Terra Prometida. Durante 40 anos, as 12 tribos adotaram uma formação militar para os deslocamentos pelo deserto, com o Tabernáculo protegido ao centro dos acampamentos, cada tribo tendo atribuições estratégicas nas batalhas, como o ataque traiçoeiro de Amalek, até hoje lembrado como inimigo que foi destruído no avanço para Canaã, e a tomada de Jericó.

Portanto, nada de novo que no Brasil tivessem os judeus, como descendentes espirituais e remotos daquela gente, um papel militar relevante, se considerado que somos poucos, muito poucos, mas orgulhosos, muito orgulhosos de poder envergar a gloriosa farda nacional, sejam os precursor-

res sejam os integrantes judeus e de origem judaica das Forças Armadas do Brasil, na paz e na guerra - de Cabral ao Haiti.

Tudo começou com Cabral. Imaginem quem descreveu pela primeira vez a constelação do Cruzeiro do Sul? Tão cara ao Brasil, presente no nosso Hino Nacional, na Bandeira Nacional, no Selo Nacional, nas Armas da República. Sem contar que a nossa mais alta condecoração é a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Ninguém menos que o bacharel em Artes e Medicina Mestre João de Faras, médico particular da Coroa Portuguesa e astrônomo, o primeiro a identificar a constelação do Cruzeiro do Sul. Judeu, acompanhou o Almirante Pedro Álvares Cabral em 1500, fazendo parte de sua tripulação. Em sua Carta a D. Manuel I, datada de 1º de Maio de 1500, cujo original encontra-se em Portugal, na Torre do Tombo, revela ao rei a existência da constelação.

Entretanto, os judeus não somente ajudaram a descobrir o Brasil, como também a mantê-lo sob a Coroa Portuguesa, e

---

\* Engenheiro e professor. Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

conquistar novas terras, com os bandeirantes, dos quais se destaca o Mestre-de-campo Antônio Raposo Tavares (1598-1650), que expandiu as fronteiras brasileiras à custa dos domínios espanhóis.

Seu nome foi dado ao 4º Batalhão de Infantaria Leve, e ao Navio- Patrulha Fluvial “Raposo Tavares” (NaPaFlu P 21), que navega nas mesmas águas que o bandeirante desbravou, integrando a Flotilha do Amazonas. Ao lado da estátua de Raposo Tavares na Avenida Paulista, na calçada do Parque Trianon, milhares de pessoas por ali transitam diariamente, sem sequer desconfiar que era um judeu – cristão-novo.

A saga militar judaica prossegue no Brasil Holandês (1630–1654). Entre as tropas holandesas, havia um número não determinado de judeus, os primeiros soldados judeus das Américas. Moisés Navarro foi um deles, tendo chegado ao Brasil como Cadete Naval (*Adelborst*) na Companhia do Capitão Bonnet.

Em 1637 o Conde Johan Maurits von Nassau foi nomeado Governador Geral e Comandante das Operações Militares do Brasil Holandês. Nessa ocasião, judeus do Recife foram incorporados às milícias, formadas por quatro Companhias com seus respectivos capitães e estandartes. Os judeus eram dispensados do serviço no *Shabbat* (sábado), tendo que indenizar este privilégio. É razoável assumir que uma das quatro companhias da milícia era totalmente judaica. Um dos postos, em um morro

situado a uma légua de Olinda, era conhecido como a Fortaleza dos Judeus, aparecendo em um mapa como *Excubiae Indaeorum*.

Não há documentos que permitam avaliar quantos milicianos judeus morreram em combate, mas este número parece ser elevado, tendo o *Habam* (Sábio) Rabino Isaac Aboab da Fonseca, Rabino Chefe do Brasil de 1642 a 1654, escrito em seu famoso poema histórico em hebraico *Zecher Asiti leNiflaot El* [*Ergui um Memorial aos Milagres de Deus*], composto no Recife em 1646: “[...] Há muitos Combatentes em meio a minha Nação [...]”

Foi, portanto, no Brasil onde se formaram as primeiras unidades militares judaicas combatentes desde a tomada de Jerusalém e da Terra Santa pelas legiões romanas de Tito, com a queda do Templo, no ano 70 d.C., e a consequente dispersão dos judeus pelo mundo, gerando a diáspora.

Eram soldados e marinheiros judeus que falavam português, pois eram portugueses, emigrados para Amsterdã e de lá vindos para o Brasil. Pela primeira vez, em 16 séculos, judeus pegavam novamente em armas em defesa da sua liberdade, da liberdade de crença, de não serem obrigados a seguir a religião do Rei.

A opção judaica pelo lado holandês era clara, eis que os calvinistas garantiam liberdade de crença a católicos e judeus. Do lado português havia de se esperar apenas a perseguição da Inquisição com suas torturas cruéis, e as fogueiras.

Os anos vão passando qual areia pela



ampulheta da História ... muito antes do protomártir da Independência, alguém já havia se erguido contra o estado lusitano - Manuel Beckmann – o Cristão-Novo que antecedeu Tiradentes. O “Bequimão”, como os maranhenses o chamavam, acabou enforcado por rebelar-se contra o Estanco, monopólio comercial de azeite, farinha, vinho, bacalhau, imposto pelos portugueses. Português, brasileiro, maranhense, mas também cristão-novo. Seria assim o verdadeiro protomártir de nossa independência, merecendo o mesmo respeito que devotamos à memória do bravo Joaquim José e seus heroicos incondentes da Vila Rica. O governador-geral Gomes Freire de Andrada fez executar a ordem judicial do enforcamento. Beckmann hoje é nome de ruas, cidades e escolas no Maranhão. Mas quem sabe quanto do bom e velho sangue judaico corria em suas veias?

No Império os judeus eram poucos, mas mesmo assim tivemos destacados militares. Nessa época tivemos o Capitão Ludwig Hartwig Brie (1834-1917). Nascido em Hamburgo em 1834, chegou ao Rio de Janeiro em 1852, aos 18 anos de idade, sendo incorporado como cadete em uma unidade de artilharia formada por alemães.

O Capitão-Tenente Leão Amzalak (1859-1919) foi o primeiro judeu de que se tem conhecimento na Marinha Imperial, filho de Isaac Amzalak, da Bahia, e irmão das três beldades - Simy, Esther e Mary Roberta – que Castro Alves immortalizou em alguns de seus poemas.

Entre seus descendentes, podemos citar o General Oscar de Barros Amzalak, cujos descendentes vivem em Três Corações-MG, onde um Amzalak é professor de matemática na universidade.

Já na Guarda Nacional, força paramilitar organizada em 1831 e desmobilizada em setembro de 1922, houve vários oficiais judeus, como o Tenente-coronel Francisco Leão Cohn, que seguiu para a Guerra do Paraguai no comando de um dos batalhões do primeiro contingente do Rio de Janeiro, o 1º Batalhão de Voluntários da Guarda Nacional, recebendo a bandeira das mãos do Imperador D. Pedro II, ao embarcar. O *Diário do Rio de Janeiro*, de 28-2-1865, assim descreveu o embarque da tropa no Arsenal de Marinha:

O Batalhão com seu comandante à frente prestou as honras regulamentares ao Imperador. Sua Majestade, depois de receber a continência da tropa, dirigiu-se com toda a comitiva para a ponte de embarque e entrega da Bandeira, dirigindo algumas palavras afetuosas ao Sr. Tenente-Coronel Cohn, que confiando-lhe aquele penhor esperava que com ele voltasse triunfante. O Sr. Tenente-coronel Cohn respondeu que ou cumpriria o voto do Imperador ou ficaria sem vida no campo da batalha.

O Major Arthur Dieudonné Haas era alsaciano e, em 1877, participou da construção da nova capital de Minas Gerais: Belo Horizonte. O Capitão Leão

Zagury nasceu em Rabat, Marrocos em 1864, chegando ao Amapá em 1879 com 15 anos, falecendo 1930. O Major Eliezer Moises Levy (1877-1947) governou Macapá, onde construiu o trapiche que leva seu nome.

Nas Revoluções do século XX também tivemos judeus, como José Preis que cursava a Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido incorporado ao início da Revolução Paulista de 1932 ao Batalhão “Ibrahim Nobre”. Era húngaro, e tombou heroicamente em batalha com as forças federais em salto Grande, na fronteira no Paraná. Promovido *post mortem* ao posto de capitão, foi sepultado no Cemitério Israelita de Vila Mariana. Sua *matzeivá* ostenta placa dedicada pelo Centro Acadêmico XI de Agosto “*ao inesquecível colega morto nos campo do Sul, na arrancada constitucionalista*”.

Em 27 de novembro de 1935 tivemos judeus participantes da chamada Intentona Comunista, como o 2º Tenente José Gutman, nascido em 1914 e falecido em 2009, aos 95 anos. Aos 21 anos servia no 3º. Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, uma das unidades sublevadas na revolta promovida pela Aliança Nacional Libertadora (ANL). Esteve preso na Ilha Grande e, posteriormente, em Fernando de Noronha. O escritor Graciliano Ramos o descreveu como “José Gutman, baixinho, lourinho, cantava sambas.”

Em 11 de maio de 1938 aconteceu o chamado “Putsch Integralista”. O General

Dutra, Ministro da Guerra, morava próximo ao Forte Duque de Caxias - Forte do Leme, onde o oficial-de-dia era o Tenente Maurício Kicis, que reuniu doze soldados com os quais o General Dutra rompeu o cerco ao Palácio Guanabara, salvando Getúlio. O levante foi dominado e Plínio Salgado preso e deportado para o exílio em Portugal.

Em 1957, apenas uma década após a odisseia da FEB na Itália, o Brasil enfrenta e vence um novo desafio militar e logístico. Foi uma proeza, um país que recém começava a se industrializar, enviar a milhares de quilômetros uma tropa mantida e suprida por longos anos - o Batalhão Suez. Até os capacetes azuis voltarem para casa, de 1957 até 1967 foram 20 Contingentes, cerca de 6 mil militares brasileiros entre cabos, soldados, sargentos, e oficiais, principalmente tenentes, capitães, onde os judeus brasileiros estiveram presentes.

Na Marinha tivemos judeus que serviram durante a 2ª Guerra Mundial, como o Vice-almirante Boris Markenzon, Contra-almirante Médico Dr Edidio Guertzenstein, Capitão-de-Mar e Guerra Médico Dr Boris Chigris, Marinheiro Leão Stambowsky, 2º Tenente Melchisedech Affonso de Carvalho, este um dos mais jovens Veteranos, ainda vivo.

Mais recentemente tivemos os Comandantes Fuzileiro Naval Benjamin Tissenbaum e Samuel Frydman, Comandantes Isac Benchimol e Mario Edelman, Capitão de Fragata Fuzileiro Naval Israel Orenstein,



falecido em 1974 no comando do Batalhão de Transporte Motorizado da Tropa de Reforço da Força de Fuzileiros da Esquadra.

Nos Quadros de Saúde tivemos o Vice Almirante Médico Dr Amihay Burla, Diretor de Saúde da Marinha, posto mais elevado da área, os comandantes Dr Carlos Alberto Jaimovich, Dr Alexandre Cherman, Dr Sergio Prais, Dr Marcos Blank, Dr Raul Brajterman.

Nos Quadros Complementares tivemos oficiais da reserva desde a primeira turma do CIORM, em 1953. Arnaldo Niskier foi da Turma de 1956 – Intendentes.

## **MILITARES BRASILEIROS JUDEUS CONDECORADOS POR ATOS DE BRAVURA EM COMBATE NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Marechal Waldemar Levy Cardoso

- Cruz de Combate 2ª Classe (CZC2) – 1947
- Estrela de Bronze, Estados Unidos (EBr, EUA)
- Bronze Star (EUA) – 1946

Levy Cardoso (04/12/1900 – 13/05/2009) era detentor do Bastão de Comando da Força Expedicionária Brasileira. O menino Waldemar foi educado na religião judaica, tendo se convertido a Religião Católica com 53 anos. *“Minha mãe era muito religiosa. Tinha o sobrenome Levy. Não queria que me casasse fora da religião judaica, mas aconteceu”*.

General-de-Divisão Moyses Chahon

- “Silver Star” (Estrela de Prata)
- Sangue do Brasil
- Cruz de Combate de 2ª Classe

Citação de Combate do General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, expedida aos 23 de fevereiro de 1945:

A combatividade, o espírito de sacrifício, a decisão inquebrantável, a elevada compreensão que tem da honra militar, a capacidade de comando reveladas pelo Ten Chahon, são exemplos dignificantes que desejo por em relevo, para os brasileiros que combatem na Itália.

Os irmãos Chahon destacaram-se na 2ª. Guerra Mundial. Moyses comandou um pelotão de fuzileiros, nos ataques a Monte Castelo, em 12/12/1944 e em 21/02/1945; conquistou as posições inimigas em La Serra (24/02/1945).

Coronel de Artilharia Salli Szajferber

- Cruz de Combate de 1ª Classe.

O diploma assinado pelo Ministro da Guerra, General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, destaca “[...] *sua grande coragem, sangue frio e capacidade de ação, durante os encarniçados combates de 14 e 15 de abril de 1945. Progredindo em terreno minado severamente batido por fogo de artilharia, morteiro e armas automáticas, o Ten Salli cumpriu galhardamente a sua missão de Observador Avançado ajustando com precisão os tiros da nossa artilharia”*.



Elogio em Boletim pelo Comandante do Regimento Tiradentes, 11º Regimento de Infantaria, de São João D'el Rey, Cel Inf Delmiro Pereira de Andrade:

[...] pela bravura e espírito de sacrifício nas duras jornadas de 14 e 15 de abril, junto aos pelotões terrivelmente hostilizados pelo inimigo. A sua calma, a sua competência e a sua bravura pessoal o fizeram credor da admiração de toda a Companhia.

Salli Szajferber combateu em dois grandes momentos da FEB, a tomada de Monte Castelo e Montese. Ferido em Montese quando Observador avançando junto ao 11º Regimento de Infantaria. Foi o mais sangrento combate da FEB. Salli faleceu no Rio de Janeiro, em 09 de março de 2010, sendo sepultado no cemitério Comunal Israelita, no Caju – Rio de Janeiro. Uma bateria do 11º Grupo de Artilharia de Campanha prestou as honras fúnebres, com uma salva de fuzis e a execução da Canção da Artilharia, pela banda de música.

#### Coronel de Infantaria Alberto Chahon

- Cruz de Combate de 2ª Classe

Alberto foi comandante do Pelotão de Transmissões do Regimento Sampaio. Por sua atuação foi agraciado pelo Presidente da República com a Cruz de Combate de 2ª Classe, concedida àqueles que demonstraram heroísmo em combate em ações coletivas.

#### Tenente R/2 de Infantaria Salomão Malina

- Cruz de Combate de 1ª. Classe

Em extensa citação no diploma, Malina é louvado

pela coragem com que comandou seu pelotão, abrindo caminho para a passagem da Infantaria no eixo de ataque através de terreno minado, sob pesado fogo da artilharia e de morteiros alemães, durante o avanço do Regimento para a conquista de Montese, uma das maiores glórias da FEB.

Malina foi incorporado ao 11º Regimento de Infantaria de São João d'El Rey, tendo comandado o Pelotão de Minas. As minas alemãs custaram a FEB um grande número de vítimas, entre mortos e mutilados. Em atividade extremamente perigosa, detectando e desativando artefatos e *booby-traps*, Malina e seus comandados contribuíram para evitar maior perda de preciosas vidas brasileiras.

Malina foi militante histórico, último Secretário-Geral do PCB e, ao final da vida, Presidente Honorário do PPS. Antes de partir, vitimado por doença incurável de que padecia há longos anos, manifestou a vontade de ser enterrado como judeu. Por toda a vida conservou o *Talit* (Manto Ritual) com que cumpriu a cerimônia do *Bar mitzvá* (maioridade religiosa aos 13 anos). A tradicional foto de *Kipá* (solidéu) e *Talit*, que todo menino judeu tira neste dia, consta do livro de memórias, lançado às vésperas de seu passamento.



Teve enterro judaico com velório na Assembleia Legislativa de São Paulo, onde compareceram inúmeros representantes dos setores políticos e culturais da sociedade. Frisava que suas raízes eram autênticas, e não uma volta às origens, de vez que sempre viveu como israelita, jamais ocultando sua fé.

#### Coronel de Artilharia Salomão Naslauski

- Cruz de Combate de 2ª Classe

Como capitão comandante da 2ª Bateria do I Grupo de Artilharia 105mm da FEB, revelou capacidade profissional, sangue frio e coragem nos combates em que tomou parte sua unidade na Campanha da Itália.

## **MILITARES BRASILEIROS JUDEUS QUE PERDERAM A VIDA EM ATOS DE GUERRA, OPERAÇÕES BÉLICAS OU ACIDENTES**

#### 30/01/1939 - 1º Tenente da Arma de Aviação do Exército José Zippin Grinspun

Aos 30 de janeiro de 1939, ocorreu o primeiro acidente fatal envolvendo um V-11 no Brasil, ocasião que o avião matriculado 115, que era pilotado por Zippin Grinspun e Mr. Powell, este piloto de provas e demonstração da fábrica Vultee, colidiu com uma casa no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, quando realizava

voos rasantes na região, acarretando a morte dos seus dois tripulantes.

Nascido a 25 de setembro de 1910, natural do Paraná, Zippin foi matriculado no Curso de Oficial Aviador da Escola de Aviação Militar aos 30 de março de 1935. O então 2º Ten Zippin teve participação destacada na repressão ao levante comunista da madrugada de 27 de novembro de 1935 na Escola de Aviação Militar, onde servia, sendo elogiado nominalmente pelo Ten Cel Eduardo Gomes, comandante do 1º Regimento de Aviação, por ter se distinguido na reação ao levante, e, ainda, conforme declaração de próprio punho firmada pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, aos 19 de agosto de 1948, para fins de melhoria de pensão militar. Até esta ocasião, contava o mesmo com 365 aterragens e tempo de voo de 172h 39min.

No elogio fúnebre, assim se manifestou o comandante do regimento (trechos):

[...] o destino na sua implacável sentença quis deter a brilhante trajetória do nosso inesquecível Ten Zippin [...] aliava as qualidades de aviador intimorato às de um bravo [...] ao lado do Cel Eduardo Gomes constituiu o reduto inexpugnável à investida criminosa comunista [...] sua bravura e patriotismo [...] na grandeza de seus atos [...] devotado soldado do dever.

#### 09/03/1944 - Aluno do CPOR/RJ Reiven Rosenthal

Reiven Josef Rosenthal foi matriculado em 01 de dezembro de 1942 no



CPOR/RJ. Faleceu em 09 de março de 1944, quando cursava o 2º ano do Curso de Artilharia. Naquela época a artilharia era hipomóvel e, durante um treinamento de marcha, seu cavalo disparou e chocou-se violentamente contra um bonde nas proximidades da Barreira do Vasco. Reiven caiu da montaria sofrendo fratura semiexposta da perna, sendo conduzido para o Hospital Souza Aguiar. No mesmo dia à noite foi transferido para o HCE, sem que fosse diagnosticada uma hemorragia cerebral, tendo falecido durante a madrugada devido a um coágulo.

Por ter o empresário Adolfo Aizen intercedido junto a um amigo que tinha sido Chefe de Polícia de Getúlio Vargas, foi dispensada a realização da autópsia, visto ser proibida pela lei judaica. Reiven era então estudante do 1º ano de Engenharia. Era primo do veterano Tenente Dr Israel Rosenthal.

#### 23/09/1945 – Aspirante-Aviador Luiz Kanter

Luiz Kanter nasceu na Rua Sant'Anna nº 14, na região da então Praça XI judaica. Foi matriculado no CPOR/Aer em 1º de fevereiro de 1945. Com pouco mais de 19 anos, em voo de treinamento na aeronave P-19-128 da FAB, ao executar a manobra “folha seca”, o motor não teve potência suficiente para recuperar a estabilidade, de-

terminando o impacto da aeronave no solo, na praia de Maria Angu.

Luiz Kanter repousa eternamente no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Velho), na Baixada Fluminense. Seu túmulo, onde consta a patente de Aspirante-Aviador, destaca-se pela altura um pouco maior, sendo diferente dos demais, construído em mármore branco, material que lhe confere uma aparência marcante, singela e formal, usual em túmulos militares. Em caracteres hebraicos, seu nome consta como Eliezer Itzhak ben Avraham Yacov Kanter.

#### 03/07/1977 – Tenente-coronel-Aviador Cel Oscar Grubman

Em 1961, aos 19 anos, o jovem Oscar ingressou na EPCAR - Escola Preparatória de Cadetes do Ar, três anos depois, em 1964, foi matriculado na antiga Escola de Aeronáutica, localizada no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro.

Era uma tarde de domingo. A aeronave C-95 FAB 2157 decolou em 03 de julho de 1977 da Base Aérea de Natal, Campo Eduardo Gomes (Parnamirim). Era 2º Piloto o Maj Av Oscar Grubman, em Missão de Transporte. Logo após a decolagem, a aeronave perdeu altura e veio a se chocar contra o solo. Infelizmente não houve sobreviventes entre os 04 tripulantes e 14 passageiros. Era o segundo acidente com a frota de 60 Bandeirantes da FAB.



Major Oscar, com 2925 horas de voo, praça de 1961 e aspirante da Turma de 1966, brasileiro nato de primeira geração, partiu prematuramente, servindo à Pátria.

Por decreto de 5 de dezembro de 1977, assinado pelo Presidente da República Ernesto Geisel e Ministro da Aeronáutica Brigadeiro Joelmir Campos de Araripe Macedo, o Maj Aviador Oscar Grubman foi promovido *post-mortem*, ao posto de Tenente-Coronel.

#### 17/08/1942 - Um dia de luto para o Brasil e sua Marinha Mercante

2º Comissário de Marinha Mercante Mauricio Pinkusfeld - desaparecido no naufrágio do N/M *Anibal Benevolo* ao largo da costa da Bahia, afundado pelo submarino nazista U-507. Aos 18 anos, era recém-saído da Escola da Ma-

rinha Mercante. Foi a sua primeira, última e única viagem. Apenas 4 dos 154 a bordo se salvaram.

Civis Alter Ber Zylbersztajn e Nute Faiwel Zylbersztajn - Pai e filho caçula, passageiros desaparecidos no naufrágio do N/M *Itagiba* ao largo da costa da Bahia, afundado pelo submarino nazista U-507.

Civil Jaime Sagorski - Passageiro desaparecido no naufrágio do N/M *Araraquara* ao largo da costa da Bahia, afundado pelo submarino nazista U-507.

Nestas páginas apenas um punhado de brasileiros pôde ser mencionado, por limitações de espaço. O número de israelitas e descendentes que até hoje vestiram as fardas das forças brasileiras de terra, mar e ar, e forças auxiliares, é bastante significativo, e não para de crescer. 